



II Congresso Internacional sobre Democracia e Justiça no Século XXI (JUST2022) 18/19 Abril 2022

A impressão digital das notícias e a perda de autoridade das democracias

António Duarte Santos

Universidade Autónoma de Lisboa

ÍNDICE

- 1. Breve introdução à comunicação humana**
- 2. A ambiguidade das notícias e o conhecimento**
- 3. A autoridade das democracias e as notícias duvidosas**
- 4. O que poderia ser feito para reduzir o consumo de notícias falsas?**
- 5. Conclusões**

1. Breve introdução à comunicação humana

- Partindo da opinião e da discussão clássica na história da filosofia sobre as perspectivas de Hobbes e Rousseau sobre a natureza humana, afinal somos bons ou maus por natureza?
- A ideia é convidar os cidadãos a refletirem sobre duas situações e problemas que envolvem o convívio humano e social em situações atípicas.
- Depois de construída uma compreensão inicial dos conceitos filósofos, a sugestão é refletir sobre essas conjecturas a partir de conhecimentos mais ou menos contemporâneos de vários campos distintos da ciência (Bregman, 2020).
- Ele apela a que quando vemos as outras pessoas como egoístas que são, não são confiáveis e consideradas perigosas e, logo, com os nossos comportamos presenciamos em relação a essas pessoas uma ideia defensiva e desconfiante.

1. Breve introdução à comunicação humana

- Ao seguirmos Hobbes, argumenta Bregman, garantimos que a visão negativa que temos da natureza humana é refletida à nossa volta.
- Em vez disso, ele deposita a sua defesa intelectual em Rousseau, que declarou que o homem nasceu livre e foi a civilização, com seus poderes coercitivos, classes sociais e as leis restritivas que o subjugou.
- Bregman nunca perde de vista sua tese central, que, no fundo, defende que os humanos são *“amigáveis, pacíficos e saudáveis”*.
- A *“civilização tornou-se sinónimo de paz e progresso e deserto com a guerra e o declínio”*.
- Na realidade, durante a maior parte da existência humana, foi o contrário.

1. Breve introdução à comunicação humana

- É o resultado do que o biólogo e etólogo holandês Frans de Waal chama de “*teoria do verniz*” (2016), ou seja, a ideia de que logo abaixo da superfície da pele o nosso “*animal spirit*” (Keynes), aguarda o receio até se manifestar.
- Este termo é um sinal que descreve como as pessoas chegam a decisões calculistas, em tempos de ansiedade ou incerteza económica e social, como se de *espíritos animais* se tratassem, ou como as emoções humanas afetam a confiança dos cidadãos.
- De certa forma, as alusões de Keynes sobre a conduta humana anteciparam o surgimento da economia comportamental.
- A vida humana torna-se muito mais complexa e a informação muito mais extensa e abundante quando passaram a existir anuências de muitos milhares de pessoas. O *Homo sapiens* vive uma vida plena em harmonia com a natureza e a comunidade, limitado apenas pelos princípios da humildade, da comunicação e da solidariedade.

2. A ambiguidade das notícias e o conhecimento

- Com base no que vemos e mostram as crescentes produções nas práticas de notícias digitais, identificamos duas tendências principais.
- Primeiro, a mudança para a distribuição digital e plataformas sociais de mídia resultou numa diminuição na autoridade de *gatekeeping* de jornalistas com preferências de público por meio de redes sociais online que conduzem a agenda de notícias.
- Segundo, essas mudanças nas práticas das redações dos mídia reduziram as oportunidades para o público se envolver com o tipo de notícias sobretudo políticas e de interesse público que auxiliam o aliciamento habilidoso.
- A tentação para a escrita medíocre que podemos constatar nas redes sociais mobilizam pessoas, é certo, mas na sua maioria não trazem nenhum acrescento para uma exigência de leitura e de dúvidas para reflexão.
- Aqui entra a principal componente que pode e deve fazer a diferença que é a Educação.

2. A ambiguidade das notícias e o conhecimento

- As democracias vivem e sustentam-se também na transmissão de informação, o que molda o pensamento e até o raciocínio dos cidadãos.
- Uma são as que advêm das redes sociais que são superficiais e a outra a que provem dos órgãos de informação estruturados que são mais verosímeis, não obstante haver, em alguns casos, uma tangência entre as duas.
- Basta compreender o conceito de conhecimento de Platão, isto é, ler de forma investigativa notícias que circulam em jornais, redes sociais e televisão.
- Diferenciar notícias em que há boas razões para acreditar serem verdadeiras e notícias em que não há compassivas razões para acreditar serem verdadeiras.
- Propor soluções para reduzir o impacto das notícias falsas na comunidade escolar passa igualmente pelas previsões e sensações da opinião política.

3. A autoridade das democracias e as notícias duvidosas

- Os órgãos de comunicação social podem ser usados para combater a disseminação da desinformação?
- As notícias falsas são apenas o começo. Creio que a próxima fase são os dados falsos, especialistas falsos, são falsificações profundas alimentadas por IA (Inteligência Artificial).
- E como nos preparamos para este mundo? O tempo da ingenuidade acabou.
- Que sucesso poderá daqui advir para a transmissão da informação? Há uma certa tendência para enfatizar os elementos centrais que levam ao sucesso da informação, seja ela pejorativa ou virtuosa. O rigor da informação, ingrediente essencial para as democracias, começa, desde logo, na vontade.
- A informação no seu global precisa de manter uma cadência de entrega disciplinada e liderada.
- Caso contrário germinam as notícias duvidosas como que sejam um rastreamento robusto de iniciativas fortuitas.

3. A autoridade das democracias e as notícias duvidosas

- Este assombro das notícias falsas corrói as democracias, principalmente porque os nossos sistemas políticos estão alicerçados na confiança das instituições democráticas.
- As empresas de mídia estão a perder a oportunidade de manterem as pessoas mais bem informadas e, portanto, devem questionar onde estão na luta contra a manipulação da verdade, já que a desinformação ainda pode causar muitos danos aos sistemas políticos democráticos.
- A sociedade democrática está numa trajetória que segue uma via de nível elevado de desinformação ou “*deep fakes*”, em que o próprio material digital e de áudio parece uma realidade mas que visto do outro lado da moeda é falso.
- Será que os cidadãos não precisarão de perceber e interiorizar o que são manobras políticas?
- A resposta é difícil de consensualizar porque algumas empresas de notícias são eixos de transmissão de entidades que concebem manobras que servem para denegrir as democracias, nomeadamente as democracias de génese ocidental.

3. A autoridade das democracias e as notícias duvidosas

- A verdade e a informação estão no cerne das democracias de inspiração ocidental na sua prática.
- Como amparava Aristóteles, a palavra serve para manifestar o útil e o prejudicial, assim como o justo e o injusto.
- Se os consumidores não tiverem a oportunidade de fazer escolhas informadas, perderemos o que é tão valioso para todos nós que é a democracia.
- Essa decadência da verdade e da palavra é uma ameaça à democracia.
- O ponto de partida precisa que seja actualizado o conceito do que significa ser cidadão responsável em uma democracia moderna.
- A democracia não é apenas um privilégio, mas também vem com certas obrigações e uma delas é ser-se um cidadão informado.
- Essa informação vem da família e da escola.

4. O que poderia ser feito para reduzir o consumo de notícias falsas?

- A Factually (2022) pertencente à Rede Internacional de Verificação de Fatos do Instituto Poynter, cujo objeto é ajudar a manter bem informados os cidadãos sobre os desenvolvimentos no universo da constatação de fatos e os métodos e tendências na luta contra as fraudes digitais.
- Não é apenas uma benigna maneira de chamar à atenção para o trabalho realizado por confirmadores de factos em todo o mundo, mas também o de destacar as melhores práticas para aqueles que estão interessados em separar os fatos da ficção.
- Nada marca a passagem do tempo como a mudança no ritmo da tecnologia. Há pouco mais de uma década, não havia, e.g., smartphone's, Instagram, Snapchat, Twitter, YouTube ou TikTok. Navegar no mundo da desinformação existente à época, como os adolescentes fazem hoje, podemos agora apreciar a utilizar como ferramentas de trabalho, ou seja, podemos usar como algo útil para o nosso trabalho e convívio.

4. O que poderia ser feito para reduzir o consumo de notícias falsas?

- A informação enganosa é um fenómeno muito mais amplo do que as meras falsidades absolutas.
- Há muitas maneiras de conduzir um leitor ou espectador a chegar a uma conclusão falsa ou infundada, o que não significa intimar a dizer qualquer coisa que seja inequivocamente falsa.
- Apresentar dados parciais ou tendenciosos, citar fontes seletivas, omitir explicações alternativas, equiparar de forma inadequada argumentos, confundindo correlação com causalidade, usando linguagem camuflada, insinuando uma afirmação sem realmente a fazer, ordenar estrategicamente a apresentação dos factos e até mesmo simplesmente mudar o título manipulando a impressão do leitor ou espectador sem consciência.

4. O que poderia ser feito para reduzir o consumo de notícias falsas?

- Como configuração para adquirir entendimentos mais abrangentes sobre notícias falsas e identificar contramedidas eficazes, a proposta de Kim et al. (2021) sugere:
- (1) desenvolver um modelo computacional que considere as características dos ambientes de consumo de notícias alavancando percepções oriundas das ciências sociais;
- (2) entender a diversidade de consumidores de notícias por meio de modelos mentais;
- (3) aumentar a conscientização dos consumidores sobre as características e os impactos das notícias falsas por meio do suporte ao acesso transparente à informação; e
- (4) educar e apoiar a alfabetização dos mídia.

5. Conclusões

- A internet é a informação descodificada em cores, formas, palavras e imagens por um computador, embora não seja ainda o único meio de criar notícias falsas.
- Sentimos que vivemos naquele que pensamos ser um mundo sólido e físico, vertido num Estado de Direito em sociedades institucionalmente organizadas, mas parece que tudo indica que estejamos a ser dominados por quem controla e manuseia a informação.
- Procuramos evidenciar a violência da contra informação sobre os cidadãos, o que torna visível o gigantesco défice democrático da comunidade contemporânea por via do silêncio cúmplice que a grande maioria dos média configura.
- Quando o núcleo influente do poder real de quem nos governa é perigosamente ferido, o que se segue não passará de uma mera publicidade enganosa para trair o cidadão votante.

MUITO OBRIGADO